

A medieval manuscript illustration showing a scene with a man in armor and a woman. The man is wearing a blue helmet and a yellow tunic, and is holding a sword. He is looking down at a woman who is wearing a white headscarf and a yellow tunic. The woman is looking up at him with a surprised or pleading expression. The background is dark and textured.

CID SEIXAS

O TROVADORISMO GALAICO-PORTUGUÊS

Parte IV: Cantigas
de Escárnio e Maldizer

<https://issuu.com/e-book.br/docs/trovadorismo4>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Os livros eletrônicos da coleção **E-Poket**, conforme o título já indica, têm como característica o tamanho reduzido, similar às pequenas coleções de bolso. No caso presente, o formato *e-poket* foi desenvolvido para ser lido, com todo conforto visual, em celulares e outros equipamentos de telas com tamanho diminuto.

O Trovadorismo Galaico-Português, livro originalmente publicado no ano de 1997, em brochura impressa, e agora disponibilizado em mídia digital, é dividido em cinco partes para se adequar ao formato breve dos demais livros da coleção **E-Poket**.



O TROVADORISMO
GALAICO-PORTUGUÊS

Copyright 1997 © by Cid Seixas
Rua Dr. Alberto Pondé, 147/103
CEP 40 296 250 — Salvador, Bahia, BRASIL
E-mail: cidseixas@yahoo.com.br

Endereços deste e-book:
issuu.com/e-book.br/docs/trovadorismo4
e-book.uefs.br/trovadorismo
linguagens.ufba.br/trovadorismo

Fonte: Gattineau 12
Formato: 100 x 170 mm
Número de páginas: 90
Salvador, 2019

Cid Seixas

O Trouadorismo
Galaico-Português

Com Apuração dos Textos
em Língua Arcaica

Parte III:
Cantigas de Escárnio
e Maldizer

e-book.br

Editora Universitária
do Livro Digital

Coleção
e-pocket

CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA | UEFS)

Ester M^a de Figueiredo Souza (UESB)

Gabriel Evangelista (UEFS)

Marcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA)

Rita Aparecida Coelho (UNEB)

Tércia Valverde (UEFS)

O TROVADORISMO
GALAICO-PORTUGUÊS

Volume 1:

Crítica e Apuração de Textos

Volume 2:

Cantigas de Amor

Volume 3:

Cantigas de Amigo

Volume 4:

Cantigas de Escárnio e Maldizer

Volume 5:

Outras Cantigas Trovadorescas

SUMÁRIO

CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER

| | |
|--------------------------------|----|
| Escarnho a ãa dona fea | 11 |
| Visita de Anojar | 12 |
| Escarnho a ãa Abadesa | 13 |
| A morte de Roy Queymado | 15 |
| A un Frade Arreytado | 17 |
| Prẽedas a ãa Abadesa | 19 |
| Maldizer a Luzia Sanches | 21 |
| Maldizer Sobre si Mesmo | 23 |
| A camela e o bodalho | 24 |

NOTAS DE LEITURA DAS CANTIGAS SATÍRICAS

| | |
|-------------------------------|----|
| Leitura e interpretação | 27 |
| Escarnho a ãa dona fea | 31 |

| | |
|--------------------------------|----|
| Visita de Anojar | 33 |
| Escarnho a ãa Abadesa | 35 |
| A morte de Roy Queymado | 37 |
| A un Frade Arreytado | 40 |
| Prẽedas a ãa Abadesa | 42 |
| Maldizer a Luzia Sanches | 44 |
| Maldizer Sobre si Mesmo | 46 |
| A camela e o bodalho | 48 |
| GLOSSÁRIO DE TERMOS | |
| GALAICO-PORTUGUESES | 51 |
| REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA | |
| NÃO REFERENCIADA | 57 |



**Cantigas
de Escárnio
e Mardizer**



Prezas a ua abadesa

Fernando Esguço

A vos, Dona abadesa,
de mĩ, Don Fernand' Esguço,
estas loas uas envio,
por que sey que sodes essa
dona que as merecedes:
quatro caralhos franceses,
e dous a a prioresa.

Hoys sodes amiga mha,
nõ quer' a custa catar,
querouus ja esto dar,
ca nõ tenho al tan aginha:
quatro caralhos de mesa,
que me deu ãa burguesa,
dous e dous ena bainha.

Escarnho a ãa dona fea

D. Joan Garcia de Guylhade

Ay, dona fea, fostesvus queyxr
 que vus nũa louvey en meu trobar;
 mays ora quero fazer hun cantar
 en que vus loarey toda via;
 e vedes como vus quero loar:
 dona fea, velha e sandia.

Ay, dona fea, se Deus mi pardõ,
 poys avedes atã grã coraçõ
 que vus eu loe, en esta razõ
 vus quero ja loar toda via;
 e vedes qual seraa a loaçõ:
 dona fea, velha e sandia.

Dona fea, nunca vus eu loey
 en meu trobar, pero muyto trobey;
 mays ora ja hun bõ cantar farey,
 en que vus loarey toda via;
 e direyvus como vus loarey:
 dona fea, velha e sandia.

Visita de anojár

D. Denis

U noutro dia seve Dõ Foã,
 a mi começou gram noj' a crecer
 de muytas cousas que lh' oi dizer.
 Diss' el: "Hirm' ey, ca ja sse deytaram."
 E dix' eu: "Boa ventura ajades
 porque vus hides e me leyxades."

E muyt' ãffadado do seu parllar
 sevi grã peça, se mi valha Deus,
 e tosquyavã estes olhos meus;
 e quand' el disse: "Hirme quer'eu deytar."
 E dix' eu: "Boa ventura ajades
 porque vus hides e me leyxades."

El seve muyt' e diss' e porfiou,
 e a mî creceu grã nojo por en;
 e nõ soub' el se x' era mal, se ben,
 e quand' el disse: "Ja me deytar vou"
 e dixilhe eu: "Boa ventura ajades
 porque vus hides e me leyxades."

Escarnho a ãa Abadessa

Affonso Eanes de Coton

Abadessa, oi dizer,
 que erades muy sabedor
 de todo ben; e, por amor
 de Deus, queredevus doer
 de mĩ, que ogano casey,
 que ben vus juro que nõ sey
 mays que hun asno de foder.

Ca me fazen en sabedor
 de vos que avedes bon sen
 de ffoder e de todo ben;
 enssinademe mays, senhor,
 como foda, ca o nõ sey,
 nen padre ãe madre nõ ey
 que m' enssin', e ffiq'u' hi pastor.

E ss' eu enssinado vou
 de vos, senhor, deste mester
 de ffoder e ffoder souber
 per vos, que me Deus aparou,

cada que per ffoder, direy
Pater Noster e enmentarey
a alma de quen m' ensinou.

E per hi podedes gaar,
mha senhor, o reyno de Deus:
per enssinar os pobres sseus
mays ca por outro jajũar,
e per enssinar a molher
coytada, que a vos vier,
senhor, que nõ souber ambrar.

A morte de Roy Queymado

Pero Garcia Burgalez

Roy Queymado morreu cõ amor
 en seus câtares, par Sancta Maria,
 por hunha dona que grã ben queria,
 e, por se meter por mays trobador,
 por que lh' ela nõ quys o ben fazer,
 fezess' el en seus cantares morrer,
 mays resurgiu deploys ao tercer dia!

Esto fez el por hũa ssa senhor
 que quer grã ben, e mays vus en diria:
 por que cuyda que faz hi maestria,
 enos cantares que fez ha ssabor
 de morrer y e des y d' ar viver;
 esto faz el que x' o pode fazer,
 mays outr' omẽ per rẽ non o faria.

E non ha ja de ssa morte pavor,
 senõ ssa morte mays la temeria,
 mays sabe ben, per ssa sabedoria,
 que viveraa, des quando morto for,

e fazess' en sseu cantar morte prender,
des y ar vive: vedes que poder
que lhi Deus deu, mays que nã
cuydaria.

E, sse mi Deus a mim desse poder,
qual oj' el ha, poys morrer, de viver,
ja mays morte nunca temeria.

A un frade arreytado

Fernando Esguyo

A un frade dizen escaralhado,
 e faz creud' a quen lho vay dizer,
 ca, poys el sabe arreytar de foder,
 cuyd' eu que gaj' he de piss' arreytado;
 e poys emprenha estas cõ que jaz
 e ffaz ffilhos e ffilhas assaz,
 ante lhe digu' eu ben encaralhado.

Escaralhado nunca eu diria,
 mays que traje ant' o caralho arreyte,
 a o que tantas molheres de leyte
 ten, ca lha parirõ tres en un dia,
 e outras muytas prenhadas que ten,
 e atal frade cuyd' eu que muy ben
 encaralhado per esto seria.

Escaralhado nõ pode ser
 o que tantos filhos fez en Marinha
 e que en ora outra pastorinha

prenhe, que ora quer encaecer,
e outras muytas molheres que fode;
e atal frade ben cuyd' eu que pode
encaralhado per esto ser.

Prêdas a ãa abadesa

Fernando Esguio

A vos, Dona abadesa,
de ãi, Don Fernand' Esguio,
estas loas vos envio,
por que sey que sodes essa
dona que as merecedes:
quatro caralhos franceses,
e dous a a prioresa.

Poys sodes amiga mha,
nõ quer' a custa catar,
quero vos ja esto dar,
ca nõ tenho al tan aginha:
quatro caralhos de mesa,
que me deu ãa burguesa,
dous e dous ena bainha.

Mũy bẽ vos semelharã,
ca sequer levã cordões
de senhos pares de colhões;

agora volos daran:
quatro caralhos asnaes,
ãmanguados en coraes,
cõ que colhedes o paan.

Mal-Dizer a Luzia Sanches

D. Joan Soares Cõelho

Luzia Sanches, jazedes en gran falha
comigo, que non fodo mays nemigalha
dũa vez; e, poys fodo, se Deus mi valha,
fiqu' end' afrontado ben por tecer dia.
Par Deus, Luzia Sanches, Dona Luzia,
se eu fodervus podesse, fodervusia.

Vejovus jazer migo muyt' agravada,
Luzia Sanches, por que non fodo nada;
mays, se eu vos per i ouvesse pagada,
poys eu foder non posso, peervusia.
Par Deus, Luzia Sanches, Dona Luzia,
se eu foder-vus podesse, fodervusia.

Deumi o Demo esta pissuça cativa,
que ja non pode sol conspir a saiva
e, de pran, semelha mays morta ca viva,
e, se lh' ardess' a casa, non s' ergeria.
Par Deus, Luzia Sanches, Dona Luzia,
se eu fodervus podesse, fodervusia.

Deytaron-vus comigo os meus pecados;
cuydades de min preytos tan desguysados,
cuydades dos colhões, que tragu' inchados,
ca o son con foder e con maloutia.
Par Deus, Luzia Saanchez, Dona Luzia,
se eu fodervus podesse, fodervusia.

Mal-Dizer Sobre si Mesmo

Martin Moxa

De Martin Moxa posfaçan as gentes
e dizenlhe por mal que he casado;
non lho dizen senon os maldizentes,
ca o vej' eu assaz om' ordinhado
e moy gran capa de coro trager;
e os que lhe mal buscan por foder,
non lhe vaan jajũar o seu pecado.

E posfaça del a gente sandia
e non no fazen senon con maĩa,
ca o vej' eu no coro cada dia
vestiir capa e sobrepeliça;
e moyto fala el moy melhor
diz: se por foder ele he pecador
non an eles i a fazer justiça.

A camela e o bodalho

D. Pedro, Conde de Barcelos

Esta cantiga foy feyta a ãa dona que
 chamavan Moor Martiinz, por
 sobrenome Camela, e a un omen que avia
 nome Joan Mariz, por sobrenome
 Bodalho, e era tabelion en Braga

Natura das animalhas
 que son dũa semelhança
 he farezen criança,
 mays des que son fodimalhas.
 Vej' ora estranho talho
 qual nunca cuydey que visse:
 que emprenhass' e parisse
 a camela do bodalho.

As que son dũa natura
 juntan-s' a certas sazons
 e fazen sas criaçons;
 mays vejo ja criatura
 ond' eu non cuydey vela;

e poren me maravilho
de bodalho fazer filho,
per natura, na camela.

As que son, per natureza,
corpos dũa parecença
juntans' e fazen nacença:
esto he da dereyteza.
Mays non coydey en mha vida
que camela se juntasse
con bodalh' e empenhasse,
demays ser d' el parida.

Quanto à música dos trovadores, a influência é menos conhecida, porque mesmo as cantigas de Martin Codax — que são as únicas em cujo manuscrito aparecem as partituras — não tiveram a notação descodificada pelos musicólogos.

NOTAS DE LEITURA

das Cantigas Satíricas

O gosto popular privilegiou as cantigas de escárnio e maldizer como forma do homem simples levar a vida com humor e também de se vingar dos poderosos, através do riso e da sátira. Não é por acaso que os poucos trovadores de origem menos nobre concentram sua produção neste gênero de cantigas, também praticado pelos ricos senhores de alta linhagem. Os religiosos, padres e madres, são os objetos preferidos da mofa e do riso mais deslavado e pornográfico provocado pelo maldizer das cantigas satíricas, o que pode ser inter-

pretado como uma marca do fosso existente entre o clero e o povo.

Na hierarquia medieval, o alto clero e a nobreza constituíam quase que uma mesma classe, ou uma espécie de quase casta, uma vez que ambos eram nascidos de famílias fidalgas e estavam destinados a constituir o imutável patamar de honra da sociedade feudal. Já o baixo clero era formado por nobres menos destacados ou até mesmos por vilões de talento e esperteza suficientes para galgar este importante degrau da vida social da Idade Média.

A honra maior que um bem sucedido vilão poderia aspirar era preparar um filho para os estudos eclesiásticos. Mas este fascínio pela difícil ascensão também era ambivalentemente dividido com o despeito manifestado nas sátiras mais deslavadas.

Neste quadro, as cantigas de escárnio e maldizer constituem outra face das

cantigas de amor. Enquanto a dama nobre e de alta linhagem era galantemente cantada por esta forma lírica de tornar possível um amor difícil, a pobre mulher comum, a vilã, era ironizada ou criticada na cantiga satírica. Se a mulher nobre era objeto de toda atenção e de toda ternura, a mulher pobre sofria a dupla humilhação do lugar social e do desrespeito à sua condição de mulher.

Este quadro, aliás, não é muito distante do atual quadro social da vida brasileira. Nas classes cultas dos nossos dias a mulher tem um lugar idêntico ao do homem, com as mesmas chances profissionais e a vantagem de merecer as atenções que eram destinadas às antigas damas. Já a mulher do povo é discriminada profissionalmente, acumula o trabalho doméstico e o profissional e continua sendo tratada como as antigas vilãs.

Mas não se imagine que as cantigas de escárnio e maldizer são apenas um tópico curioso ou popularesco no âmbito da poética medieval. O uso da imaginação criadora e da sátira irreverente está a serviço de uma autoavaliação social. Através deste gênero de composição toda a sociedade procede a uma avaliação dos seus valores e sistemas, avaliação esta que se mostra mais eficaz porque disfarça os seus propósitos.

Em outras palavras: o senso comum da época via na sátira apenas uma forma cáustica de divertimento, não percebendo que, ao rir do outro, o homem ria de si mesmo, do seu contexto, da sua ética.

A lira maldizente reavalia o mundo de modo jocoso e irresponsável. Por isto mesmo, vai mais fundo aos vícios escondidos do próprio sujeito, alcançando os fios que tecem o véu da cultura. Ao despir suas vítimas da falsa

moral ostentada, a sátira maldizente levanta o véu que torna difuso o olhar da sociedade sobre si mesma.

Através deste gênero de composição os séculos posteriores puderam contemplar e compreender melhor os momentos mais significativos, ou o breve clarão de esplendor da cultura galaico-portuguesa.

1 Cantiga de escarnho a ãa dona fea

D. Joan Garcia de Guylhade é destacado por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos como um trovador que merece lugar especial entre os autores dos cancioneiros. Natural de uma das províncias da Galícia, foi membro da pequena nobreza, o que não o impedia de ter a serviço, no seu castelo, vários jograis que se incumbiam de cantar suas composições nas cortes.

Esta cantiga de refrão de Joan de Guylhade exemplifica a maneira de se tratar uma mulher bem diversa daquela que vimos nas cantigas de amor. Começa dizendo que uma dama foi se queixar de nunca ter sido louvada nas suas trovas. Com ironia, ele responde que vai louvar a pobre dama. Mal sabe ela o tipo de agressão que virá da boca do trovador:

— Ai, dona feia, foste queixar de que nunca vos louvei em meu trovar, mas agora quero fazer um cantar em que vos louvarei toda vida. Vede como vos quero louvar: dona feia, velha e maluca.

Imaginamos então que este cantar irônico é dirigido a uma mulher simples, pois se fosse dirigida a uma mulher de alta linhagem provocaria, no mínimo, um embate entre o trovador e algum familiar ou admirador da dama.

2 Visita de anojár

Se el-Rei D. Denis faz uma cantiga de escárnio, ou mesmo de maldizer, ele se porta como um gentil-homem, não descendo aos termos que teremos oportunidades de conhecer em outras cantigas satíricas. Apesar de aborrecido (*gran nojo*) com a visita incômoda e insistente, seu cantar não descamba para o maldizer despudorado.

— Quando outro dia aqui esteve Dom Fulano, fiquei enjoado (*a mi começou gran noj' a crescer*) do tanto que ele falou, de muitas coisas de lhe ouvi dizer. Depois de falar, falar e falar ele, por fim, disse: Vou-me embora, porque todos aqui já dormiram.

O anfitrião diz para si mesmo:

— Vá com Deus e me deixe em paz.
— Mas o visitante, destes que conhecemos bem, não tem o menor senso crítico e continua falando, apesar dos olhos

do dono da casa estarem se fechando (*tosquiavan estes olhos meus*). O visitante continuava falando sem se preocupar em saber se a sua conversa estava agradando ou não (*non soub' el se x'era mal*).

Uma dificuldade que todos nós encontramos é como classificar algumas cantigas: De escárnio? De maldizer? Em muitos casos, um fio tênue separa ambas as expressões. Se considerarmos que a cantiga de escárnio é sempre irônica, enganosa, fingindo dizer uma coisa para dizer outra, teremos um tipo de critério. Mas o manual de arte poética que foi encontrado como parte do Cancioneiro da Vaticana acrescenta que as cantigas de maldizer revelam o nome da pessoa criticada, enquanto as de escárnio ocultam tal nome, para que a crítica seja menos direta e ofensiva. Assim, um outro dado complicador se acrescenta à dificuldade

D. Denis tem o cuidado de não revelar o nome do nobre que costumava falar pelos cotovelos. Estamos, por isso diante de uma cantiga de escárnio? Creio que a natureza da crítica, se direta ou indireta deve se somar ao dado anterior, ou ainda a maior ou menor veemência do dizer. Como este texto é menos ferino e menos grosseiro do que outros, ele pode ser considerado de escárnio.

3 Cantiga de escarnho a ãa abadessa

Vejamos que mesmo o critério da grosseria entra em crise e não nos permite uma decisão segura, quanto à classificação. Esta cantiga, pornográfica e dirigida a uma religiosa superior, é considerada de escárnio pelo tom altamente irônico da sua crítica.

O autor é o segrel Afonso Eanes de Coton, jogral boêmio e maldito, conhecido pelo tom das suas cantigas. Teria percorrido várias cortes e castelos, morrendo assassinado depois de uma das suas incursões regadas a vinho, por tabernas e outros locais frequentados pela gente simples. Segundo maldizer de D. Afonso X, ele teria sido morto por Pero da Ponte, o que não se sabe ser verdadeiro ou se tratar apenas de uma das muitas formas com que o Rei Castelhana externava seu desprezo e sua antipatia a Pero da Ponte.

Vamos então à paráfrase da cantiga:

— Abadessa, ouvi dizer que a senhora era sabedora de todo prazer. Por amor de Deus, tenha pena de mim que casei este ano. Juro que sou como um burro nas artes conjugais.

— Até me fizeram saber que a senhora tem bom senso na hora de fazer amor e que é muito boa nisso. Ensinai-

me, senhora, porque não tive nem pai nem mãe que me ensinassem esta forma de amor e fiquei sem experiência nenhuma.

— Se eu aprender com a senhora, a quem Deus me proporcionou este bem, cada vez que fizer amor direi um Pai Nosso e recomendarei a alma de quem me ensinou.

— E por isso — por ensinar certas coisas que sabe fazer melhor do que rezar — a senhora pode ganhar o reino de céu; por ensinar aos pobres algo mais do que jejuar. E por ensinar também a alguma mulher apaixonada que lhe procure para aprender a amar.

4 A morte de Roy Queymado

Esta cantiga de Pero Garcia Burgalez revela uma das muitas faces do autor, que comparece nos cancioneiros com

cerca de cinquenta composições, o que atesta a sua produtividade e o seu prestígio. Segundo as informações de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, este é o trovador galaico-português que nos deixou mais cantigas, com exceção dos reis trovadores e de Joan Garcia de Guylhade. Burgalez foi um dos trovadores que viveu os meados do século XIII, em torno da corte de D. Afonso X, sendo do mesmo grupo de Pero da Ponte e Joan Baveca.

Já vimos como Roy Queymado fala de *morrer de amor* nos seus cantares, sendo por isso motivo da galhofa de alguns contemporâneos. Apesar de o morrer de amor ser um clichê poético comum às cantigas amorosas, Roy Queimado foi alvo da bem humorada censura dirigida a todos os trovadores hiperbólicos. Pero Garcia Burgalez, nesta cantiga, escarnece com o *morredor* contumaz.

— Minha Nossa Senhora! Roy Queimado morreu, nas suas cantigas, pelo amor de uma dama que não quis nada com ele (*por que lh' ela nã quis o bẽ fazer* = porque a ele ela não quis “fazer o bem”). Ele se fez morrer nas cantigas, mas ressurgiu depois do terceiro dia.

Observe-se que nos dois primeiros versos (*Roy Queymado morreu cõ amor / en seus câtares, par Sancta Maria*), a expressão “par Sancta Maria”, usada com o sentido de uma interjeição (vejam-se, como exemplos: “ave Maria!”, “virgem!”, “por deus!”), reforça a ironia do mal-dizer e busca uma contextualização para o arremate altamente irônico da estrofe, onde o trovador ressurgiu ao terceiro dia, realizando um prodígio reservado apenas à divindade cristã.

— Ele mostra muito talento (*maestria*) em fazer isto nas suas cantigas e desde então torna a viver. Isto só ele pode fazer; nenhum outro homem faria tal coisa.

— Por isso já não tem pavor da morte e sabe que viverá depois de morto. Vejam que poder Deus lhe deu. Se Deus também me desse tal poder de morrer e tornar a viver, igual ao que hoje ele tem (*qual oj' el ha*) eu jamais temeria a morte.

5 A un frade arreytado

Nesta cantiga de maldizer de Fernand' Esguyo os religiosos voltam à tona. Se na cantiga de Affonso Eanes de Coton a abadessa foi a personagem, nesta, o objeto da maledicência é um frade que se dizia impotente para, desta forma, esconder suas aventuras.

Seu autor, Fernand' Esguyo, foi “soldado e jogral obscuro”, segundo palavras de D. Carolina, no segundo volume da sua edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*; nascido em Santiago de

Compostela, no século XIV, sendo da geração dos últimos trovadores dos cancioneiros. Seu nome aparece também, não se sabe se por ironia, antecedido do título nobiliárquico *Dom*, motivo pelo qual José Joaquim Nunes julga possível ele ter pertencido à pequena nobreza.

— Dizem que um frade é impotente, e quem diz isso faz os outros acreditarem. Porque ele sabe muito bem fazer sexo, creio que o gajo tem potência (*cuid' eu que gaj' é de piss' arreytado*) ou tem o membro estimulado, porque emprenha as mulheres com quem deita (*con que jaz*) e faz filhos e filhas muito bem. Digo que ele é bem potente.

— Impotente nunca diria, mas que ele traz o membro viril (*arreyte*) e tem tantas mulheres amamentando que, só em um dia, três destas mulheres tiveram filhos dele.

— Impotente não pode ser quem fez tantos filhos em Marinha e agora tem outra pastorinha grávida, embora queira passar por velho (*quer encaecer*); e tem muitas outras mulheres com quem tem relações. Penso (*cuid' eu*) que tal frade, por tudo isso, deve ser muito viril.

Convém observar que a expressão *arreytado* é muito usada ainda hoje na Bahia, nas formas *arretado* e *retado*, tanto no sentido de alguém com muita masculinidade quanto no sentido de pessoa ágil e firme. Tal sentido de firmeza sempre esteve ligado à sexualidade, muito embora, por extensão, tenha se generalizado.

6 Prêdas a ãa abadesa

Mas Fernand' Esguyo não se contentou em dizer mal apenas dos frades;

as freiras também foram vítimas do seu maldizer. No caso uma superiora, a abadessa.

Segundo informa Rodrigues Lapa, na sua edição crítica das *Cantigas d'escarnho e mal dizer*, a composição gira em torno de uma peça em uso na Idade Média, de origem francesa, o *consolo*, para serviço das mulheres que não podiam chegar-se aos homens.

— À senhora, Dona Abadessa, de mim, D. Fernand' Esguyo, estas saudações envio, porque sei que é merecedora de quatro consolos, dos que as francesas usam em lugar de homens; sendo dois destes consolos para a freira vice-superiora.

— Como a senhora é minha amiga, não procuro ver quanto custa o presente, porque não tenho outro presente tão imediatamente disponível (*aginha*), mando quatro membros de

mesa que uma burguesa me deu, dois a dois na sua bainha.

Observe-se ainda que a palavra *bainha*, deriva do latim *vagina*, termo inicialmente usado para designar o “invólucro para guardar a espada”.

— Muito bem assentarão na senhora, porque pelo menos levam cordões dos respectivos pares de testículos. Agora darei à senhora quatro membros grandes, como de um jumento, emoldurados em enfeites.

7 Mal-dizer a Luzia Sanches

Bastante sonora é esta cantiga de Joan Soares Cõelho, com versos de onze sílabas e rimas em *aaabbb*, na qual ele finge se desculpar de uma mulher, por não ter condições físicas de ter relações com ela. Na verdade, esta é uma falsa desculpa, visando dizer mal de Dona

Luzia Sanches, pelo fato dela querer mais do que uma relação por dia. Por isso ela ainda é lembrada sete séculos depois...

O autor, D. Joan Soares Cõelho é homem da mais alta nobreza portuguesa, sendo influente tanto na corte castelhana de D. Afonso quanto na de D. Denis.

Passemos à cantiga:

— Luzia Sanches, você sente uma grande falta quando deita comigo, porque não posso ter mais do que uma relação de cada vez e, mesmo assim, fico cansado por três dias.

— Vejo você ficar muito ofendida ao deitar comigo, porque não consigo mais nada; gostaria de satisfazê-la, mas não posso, e se tentasse terminaria bufando (*peervusia = peidar-vos-ia*).

— O demônio me deu esta coisa murcha e prisioneira (*pissuça cativa*) que já nem pode cuspir a saliva. Pare-

ce mais morta do que viva; mesmo se a casa pegasse fogo não conseguiria se levantar.

— Meus pecados vieram se deitar comigo; e você quer o que não posso, pois tenho as bolas inchadas de tanto jogar e de doença ruim (*maloutia*).

8 Mal-dizer sobre si mesmo

O autor desta cantiga é Martim Moxa, trovador que, segundo D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, viveu no início do século XIII. Pelas indicações trazidas nos seus próprios textos, ele deve ter sido clérigo, e se tornou famoso especialmente pelos seus sirvanteses de elevação moral, apesar de ter praticado outros gêneros, inclusive, a cantiga de maldizer pornográfica, segundo o exemplo aqui apresentado.

Nesta cantiga de maldizer, bastante insólita, porque a lira maldizente do trovador se volta contra si mesmo, reconhecendo suas aventuras, e não contra outra pessoa, o clérigo Martim Moxa, ao assumir seus atos, aproveita para se justificar e se afirmar um bom religioso, apesar de prevaricar...

— As pessoas ridicularizam (*posfaçan as gêtes*) Martin Moxa, acusando-o de ser casado; mas são os maldizentes que assim falam, porque eu o vejo como um homem (*om'*) ordenado religioso (*ordinhado*), usando os trajes habitualmente usados pelos sacerdotes (*e moy gran capa de coro trager*). Aqueles que o acusam por desfrutar os prazeres da carne não vão jejuar por ele para obter o perdão dos seus pecados.

— Que fale mal a gente desajustada (*sandia*, louca), que o faz por malícia, porque eu o vejo todo dia no coro da igreja vestindo batina e sobrepeliz. É

um bom pregador, que fala muito bem quando diz: se é pecador por ceder aos desejos, não queiram as próprias pessoas fazer justiça sobre este assunto, ou não vão eles aí para fazer justiça (*non an eles i a fazer justiça*).

9 A camela e o bodalho

D. Pedro, O Conde de Barcelos, o último dos trovadores de que temos notícias, comparece neste seleção com uma cantiga de escárnio dirigida a uma dama chamada Moor Martiinz Camela e a um homem chamado Joan Mariz Bodalho. Ele aproveita a insólita significação do nome do casal — camela e porco — para escarnecer da situação.

Diz que o natural dos animais sexualmente capazes (*fodimalhas*) é procriarem entre si, com os semelhantes (*que son du)a semelhança*), por isso nunca

pensou em ver uma camela parir o filho de um porco (*bodalho*).

— Aquelas que são da mesma espécie juntam-se em certas estações e reproduzem-se; mas já vejo agora estranho feito (*Vej' ora estranho talho*), coisas que não imaginava, e me maravilho do porco fazer filho na camela.

— Aquelas espécies que são, por natureza, semelhantes de corpos (*du)a parecença*), juntam-se e procriam: isto é o natural, o que é direito (*da dereiteza*); mas não imaginei em minha vida que uma camela se juntasse com um porco e emprenhasse, quanto mais que tivesse filho dele.



GLOSSÁRIO

— A —

Aa – à

Abadessa – superiora de ordem religiosa,
feminino de abade

Afeiçom – afeição

Afrontado – cansado, insultado, ofendido

Agastada – enfadada, irritada

Aginha – depressa, rapidamente

Agrauvo – agravo, aborrecimento, ofensa

Agravada – ofendida

Aja – haja, do verbo haver

Ajade – haja, tenha

Al – outra coisa, nada

Albergado – abrigado, hospedado

Alfaya = alfaia – alfaia, vestimenta de uso
doméstico, enfeite

Alhur – alhures, noutra parte

- Ambrar – fornicar, manter relações sexuais
 Ameyvus – amei-vus
 Amigo – namorado, amado
 Amtre = antre – entre
 An – têm
 Ant’ – antes
 Antolhança – cobiça
 Aparou – proporcionou
 Aque – tanto
 Aquel – aquele
 Aquesta – esta
 Aqueste – este, isto
 Aquisto – conquisto
 Ar – igualmente, outra vez, de novo,
 também
 Arar – trabalhar a terra com o arado, semear
 Ardess’ = ardesse – queimasse
 Arreyte – viril, duro, com apetite sexual
 Arreytado – retado, estimulado sexualmente
 Atã = atan – tão
 Ascondudo – oculto, escondido
 Asinha – depressa, rapidamente
 Asnaes – de asno, muito grande
 Asperança – esperança
 Assanhar – provocar a sanha, a raiva, tonar-se
 agitado
 Assaz – bastante, suficiente
 Assenso – assentimento, consentimento

Assi – assim
 Ata – prende, submete
 Atal – tal, até
 Atan – tão
 Atãto – tanto
 Atenden – esperam, acontecem, tornam
 Avelanas – avelãs, frutos da avelaneira
 Aver – haver
 Averrey – haverrei; chegar a um acordo
 Ave – imperativo do verbo *aver* > *haver*.
 Avedes = havedes – haveis
 Avelaneyra – avelaneira ou aveleira, pé de
 avelã
 Aven – advem, sucede, acontece
 Aver – haver, ter



Bainha (do latim: vagina) – invólucro, dobra
 Banhar – nadar, tomar banho
 Beldad – beleza, muito bela
 Benino, bonino – benigno
 Bever – beber
 Bodalho – porco
 Bõ = boo, bõo – bom
 Brav' = bravo – corajoso, enfurecido



- Ca – do que, pois, porque
 Calarm' – calar-me
 Calat' – cala-te
 Cam – cão
 Caralhos – pênis
 Cativ' = cativo – infeliz, desgraçado,
 prisioneiro
 Cevada – comida para a *criação* (isto é: para
animais ou *vassalos e vilões*)
 Chufar – dizer chufa, zombar, troçar, mentir,
 enganar
 Citola – cítola, instrumento medieval dos
 jograis, tipo alaúde, de quatro ou cinco
 cordas
 Citolar – tocar *cítola*
 Citolon – designação depreciativa de *cítola*,
 cítola ruim
 Co – com
 Cõ – com
 Coid' = coydo – cuidar, imaginar, estar a
 serviço do amor
 Coidado = coydado – preocupação, aflição,
 zelo amoroso, opinião
 Coidar = coydar – meditar, imaginar
 Coita = coyta – sofrimento amoroso, cuidado,
 trabalho para servir à pessoa amada

- Coitedes = coytedes – forma do verbo *coitar*,
importuneis, perseguis, afligis
- Colhedes – forma do presente do indicativo
do verbo *colher*
- Colhões – testículos
- Color – cor
- Come – como; comigo
- Comunal – de boas maneiras, lhano, sociável
- Conhocert’ – conhecer-te
- Conhoscome – conheço-me, sei do meu valor
- Contrayro – contrário
- Cõprida – cheia, plena
- Coraçam – coração
- Coraçon – coração
- Coraes – punhos de renda
- Coro – dependência da igreja, onde são
cantadas as orações
- Correa – tira de couro (lat. *Corrigia*), correia,
cinto, coisa de pouco valor
- Correger – corrigir
- Cõsigu’ = cõsiguo – consigo
- Cousa – nada; coisa
- Cousecer – repreender, examinar, censurar
- Coyd’ = coydo – cuidar, imaginar, estar a
serviço do amor
- Coydado = cuidado – preocupação, aflição,
zelo amoroso, opinião
- Coydar – meditar, imaginar

- Coyta = coita – sofrimento amoroso, cuidado, trabalho para servir à pessoa amada
 Coytado = coitado – amante que sofre as consequências do amor não correspondido
 Coytedes = coitedes – forma do verbo *coitar*, importuneis, perseguis, afligis
 Creud' = creudo – acreditado, verdadeiro
 Crido – acreditado
 Cuyd' = cuydo, coydo – cuidado, imagino
 Cuydade – imaginar, refletir, cuidar
 Cuydado = coydado, cuidado – preocupação, aflição, zelo amoroso, opinião
 Cuydey – imaginei



- Dadeas – dade-as, dai
 D'aqueste – daquele
 Dalgo – de algo
 Damandar – perguntar, procurar, pedir
 Dam' – da-me
 Demãdey – forma do verbo demandar, perguntar, procurar, pedir
 Dan = dão – forma do indicativo presente do verbo dar
 Dantre – antes de, antes
 Daver – de haver
 Deantar – cumprir com pontualidade, progredir

- Delgado – fino, esbelto, elegante
 Demanda – litígio, procura, reclamação
 Demandey = demandei – procurei,
 perguntei
 Demo – demônio, diabo
 Des – desde
 Des i – além disso, desde então
 Desamar – deixar de amar, odiar
 Desamperado – desamparado
 Desasperar – desesperar
 Desatinar – endoidecer, desvairar
 Desaventura – desventura
 Desdezidores – maldizentes, que falam mal
 Desfazimento – ato de desfazer
 Desforço – vingança, desforra
 Desguysado = desguisado – inconveniente,
 fora de propósito
 Desloar – desfazer, mal-dizer, o contrário de
loar, ou de *louvar*
 Destorvou – forma do verbo *destorvar*,
 incomodar, criar estorvo
 Deulhi – deu-lhe
 Dina – digna
 Direyvus – direi-vus
 Dis – disse
 Dixelh’ – dixe-lhe, disse-lhe
 Dõa – de uma
 Doas – presentes, doações

Doo – dor
 Dordenar – de ordenar
 Dormio – durmo
 Drudo = drut – amante
 Dũa = дума – de uma
 Dultança – dúvida

— E —

Ei = ey – hei, tenho (do pres. Do indic. Do verbo *aver* = *haver*)
 Eẽffadado – enfadado, com enfado, tédio, mal estar
 El – ele
 Emanguado – provido
 Emde – disso, por isso, nem
 Emprenha – engravida
 En, ã – em, isso, daí, por isso, ainda que, embora
 Encaecer – passar por velho
 Encaralhado – viril, possuidor de dotes sexuais
 End' = ende – por isso, disso
 Endoado – ferido (de amor), magoado
 Enfadado – aborrecido
 Enmentarey – futuro do verbo *enmentar*, lembrar, mencionarei, farei referência
 Eno – em o, no

Enssinademe – ensinaí-me

Entenças – fazes *tençon*

Envio – forma do verbo enviar, mandar

Er – também, o mesmo que *ar*

Erades – forma do imperfeito do verbo *seer*

Ergeria – ergueria, levantaria, endireitaria

Ergas = erguas – a não ser, senão, exceto

Escaralhado – impotente

Escarnecia – zombava

Esquyv' = esquivo – desdenhoso, que trata
mal

Est = é – é, forma do presente do verbo *seer*

Est' = esto – isto

Estar – lugar de hóspedes

Estonces – então

Estorvar – por obstáculos, impedir, incomodar

Et = e – e (do latim *et*), usada principalmente
antes de vogal

Ey = ei – hei, tenho (forma do presente do
indicativo do verbo *aver* = *haver*)



Fal – falta

Falha = falta – falta, erro, pecado, engano

Fazm' – faz-me

Fea – feia

Fee = fé – crença

Fezess' – fez-se
 Filha = filha – filha, nascida de
 Fin – fina, bela
 Fî = fin – fim, término
 Fodimalhas – sexualmente apto
 Fremosa – formosa
 Fremusura – formosura
 Frol – flor
 Frolida – florida
 Fuge – foge



Gaar = gãar – ganhar
 Gaj' = gajo – velhaco, malandro
 Gajé – garbo
 Galardam = galardão – glória, prémio,
 recompensa de serviços importantes
 Garvaya = garvaia – vestuário da corte, peça
 de luxo, ver *guarvaya*
 Genta – gentil
 Gêtes = gentes – pessoas
 Grado – voluntariamente, agradecido, de boa
 vontade
 Grã = gram, gran – grande
 Graue = grave – pesado, penoso, difícil
 Guarda = garda – proíbe; interdição

Guarvaya = garvaya – garvaia, vestuário da
corte, peça de luxo

Guysa – guisa, jeito, modo, maneira

— H —

Ham – forma do presente do indicativo do
verbo *haver*

He = e – é (*est>e>ê*)

Hi – aí

Hida – ida

Hirm' = hir-me – ir-me

Hirme = hir-me – ir-me

Hu – onde, quando

Hũa – uma

— J —

I – aí, nisso, lá, então

Iguar – metrificar, trovar, compor

Irmana – irmã

— J —

Ja – já

Jajũar – jejuar, fazer jejum, abster-se de
comer

- Jaz – descansa, está deitado ou quieto
 Jazedes – forma do verbo *jazer*, estais,
 permaneceis
 Jograr – jogral, tocador e cantador de trovas
 medievais
 Juízo – juízo, opinião, descrição
 Juntans' = juntan-se – juntam-se, unem-se,
 acasalam-se
 Juntasse – forma do verbo *iuntar*, juntar, unir,
 acasalar
 Jurado – feito jura, apalavrado



- Lay = lai – antiga canção lírica ou épica
 Lazeyro = lazeiro – forma do verbo *lazerar*,
 sofro, peno
 Leon = leão – um dos antigos reinos ibéricos,
 depois unido a castela
 Ler – praia
 Levadelo = levade-lo – seguiste o
 Levado – embravecido, levantado,
 encapelado, alto
 Levãtey = levãtei – levantei
 Leyxar – deixar
 Lho – lo
 Lo – o
 Loaçã = loaçan, loaçom – louvação, elogio

Loar – louvar
 Logar – lugar
 Lograr – conseguir, alcançar
 Logu' – agora
 Loor – louvor
 Louçaã, louçana – bela, formosa
 Louv'en(o) – louvem-o



M' = me – me, a mim
 Ma – minha
 Madr' = madre – mãe
 Mãdades = mandades – forma do verbo
 mandar, mandais, ordenais
 Mãdo = mando – forma do verbo *mandar*
 Maestria – talento
 Maíça – malícia
 Mais – mas; mais
 Maldizêtes – maldizentes, detratores, que
 falam mal
 Maloutia – doença venérea
 Mandado – recado, notícia
 Manho – estou, permaneç, vivo
 Mansa – meiga
 Mao = mal – ruím (do latim *malu*) mal dia
 Maridada – que tem marido, casada
 Mays – mas, porém

Mea – meia
 Menagem – homenagem
 Mengou – faltou
 Mentr' = mentre – enquanto
 Merçe – mercê, compaixão, graça
 Mester – ofício; atividade
 Metesm' – metes-me
 Mha = mia, mya – minha
 Mi – mim; me
 Migo – comigo
 Milhor – melhor
 Minguar – faltar
 Mirar – olhar
 Mister – urgência, precisão
 Moesteyro – mosteiro
 Mofar – zombar, fazer troça
 Molher – mulher
 Moor = mor – maior
 Moy = muy – muito
 Moyro = moiro – morro
 Moyto = muyto – muito
 Mũi = mui – muito
 Mũy = mũyt', mũyto – muito

— N —

Nam – não
 Namorada – enamorada, comprometida,
 apaixonada

Natura – natural, conforme a natureza

Nẽ = nen – nem

Nemigalha = nemygalha – nada, coisa
alguma

Nenhuĩ = nenhũ – nenhum

Nõ = non – não

Noj' = noio, nojo – aborrecimento

Nũca = nunca – jamais

Nulha – nenhuma



Ogano – este ano

Oi – ouvi

Oj' = oj', oje – hoje

Om', omẽ, omen – homem

Ome – homem

Ond' – onde

Ora – agora

Ordinhado – ordenado, membro de uma
ordem religiosa, padre

Ous' = ouso – forma do verbo *ousar*, atrevo,
arrisco

Ouve – houve

Ouver – houver

Ouvesse – houvesse, tivesse



- Paan = pan – pão
Paços – côrte, solar
Pagada – contente, satisfeita
Pan – pão
Panos – trajes, hábitos, vestes
Pao – pau, vara
Par – por
Paravoa – palavra
Pardom – perdão
Pariron – pariram
Parelha = parelha – par
Parlar – conversar, falar
Parteria – separaria
Pastor – jovem, virgem, sem experiência
Peça – tempo
Pee – pé
Peer – traquejar, expelir gases
Peervusia – peer-vos-ia
Pego – pélogo, a parte mais funda do mar
Peleja – contenda, disputa
Pelhejar – pelejar, batalhar na guarra, ou travar
uma *tençon* na arte de trovar
Pendemça – penitência
Peor – pior
Per – por; muito
Pera – para

- Pero – mas, ainda que, embora
 Pesar – incômodo
 Peyor = peior – pior
 Pino = pinho – árvore, planta
 Pique – espécie de lança antiga
 Piss' arreitado – órgão masculino rijo, em
 ereção
 Pissuça – penis
 Poer – por (verbo)
 Pois – depois, depois que, desde que,
 porque
 Polo – pelo
 Pont' – imediatamente, na hora
 Porfiou – teimou
 Pos – depois, após, prometeu
 Pose-o – pô-lo
 Posfaçan – ridicularizam, troçam
 Pran – valor
 Prasmo – censura, crítica; medo
 Pregũteyos – perguntei-os
 Pregũtou – perguntou
 Prenhada = prenhada – parida
 Prenhe – prenha, grávida
 Prendi – tomar, receber recompensa
 Prestador – cuidador
 Prez – preço, mérito, valor, dignidade, apreço
 Prioressa – superiora de um convento,
 abadessa

- Privado – favorito, indivíduo que acompanhava o rei
 Proençal – provençal
 Prol – proveito; a favor
 Prouguesse – prazer
 Prouve – ordenou, munuiu, coube
 Puinha – ponha
 Punhey = punhei – forma do perfeito do indicativo de *punbar* ou *punbar*, decidi, procurei, esforcei-me



- Queredevus – quereis-vos
 Queyxarvosedes = queixar-vos-edes – vós vos queixareis
 Queyxarvusedes – queixar-vos-edes
 Qyutar = quitar – livrar, tirar, afastar, deixar, esquecer
 Qyutastesme = quitastes-me – pagaste-me, deixaste-me
 Qyiso = quis – quis



- Razõ = rason, rezam – razão
 Rẽ = ren, rem – (do latim, *res*) alguém, alguma coisa, algo

Regrado – religioso que obedece a uma
regra ou a um juramento, ordenado, que
recebeu ordens eclesiásticas

Ren – algo (ver rẽ)

Retraya – retrate, descreva

Rog' – rogue

Rogia – murmurava em segredo

Romeus – romeiros, peregrinos

Rosetta – rosinha, pequena rosa



Sa – sua

Saa – sua

Saaide – saiam

Sab' – sabe

Sabedes – sabeis

Sagaz – perspicaz, fino

Saíva = saiiva – saliva, secreção

Salido – particípio do verbo *salir*,
embravecido, saído fora do leito

Sam – são

San' – são

Sandia – louca

Sanhudo – furioso, terrível, medonho, maluco;
que tem sanha, fúria

Sano – são

Saya = saia – vestimenta feminina (na idade
média, para sair ou receber estranhos, as
mulheres usavam um manto sobre a saia)

Sazon – estação, ocasião, tempo

Seiade – seja

Seëd' = seëdo, sendo – forma do verbo *seer*,
sendo

Seer – ser, estar

Segrel – jogral e trovador que recebia
pagamento pela sua arte

Semelha – parece, tem aspecto de

Semelharã = semelharan – assentarão,
combinarão, parecerão

Sen – juízo, senso

Senho – respectivo

Senhor – senhora

Senheira = senlheira – sozinha

Senho = senho – respectivo

Senhor = senhor – senhora

Senta – forma do verbo *sentir*, sinta

Seve – forma passada do verbo *ser*, esteve

Sevi – passou-se

Seym' – sei-me

Si – (pron., *Sibi*) si

Si – (adv., *Sic*) assim

'si = assi – assim

Sim – si

Sirventês = sirvantês – cantiga que exprime
conceitos e idéias

Siso – sentido

Sobejo – demasiado, sobra

Sobrelo – sobre ele

Sobrepeliça – sobrepeliz, veste de padre
rezar missa

Sodes – sois, do verbo ser

Soen – forma do verbo soer, costumam

Sofrudo = sofrido – que sofre

Sogeito – sujeito

Soiia = soía – forma do verbo soer;
costumava

Sol = só – somente, porém

Soldo – importância paga, vencimento

Soo = são, som, son – forma do verbo ser; sou

Sospiro – suspiro

Sso – sou

Ssy – sim



Tã – tão

Talho – feitio, talhamento

Tam – tão

Tan – tão

- Tantamey = tant' amei – tanto amei
 Tãer – ter (do latim *tenere*)
 Tãest' = tães-te – forma do presente do indicativo do verbo *tãer*, tens a ti
 Tença, tençan – disputa, peleja, discussão em versos (ver: *tençon*)
 Tenção – propósito, intenção
 Tençon – peleja, discussão em verso, disputa entre trovadores
 Tercer – terceiro
 Terra = terrá – terá
 Tever = teuer – tiver
 Todolos – todos os (combinação do pronome com o artigo, existe ainda *todola*)
 Tolheram – tiraram
 Torva – turvo
 Tosquiavã = tosquiavan – pestanejavam
 Traje – forma do verbo *traier* ou *trager*, traz
 Tralo – tra-lo, além de, atrás do
 Travo – entabulo, repreendo, sofro censura
 Travar – censurar, acusar
 Travan – forma do indicativo presente do verbo *travar*; censuram, acusam
 Treydes = treides – forma do verbo *traer*, vinde
 Trobã = troban – forma do verbo *trobare*, trovam, versejam, fazem trovas
 Trobar = trovar – cantar em trovas
 Trovou – inventou, censurou



U – onde, quando

Un – um

Ūũa – uma



Vã – vão

Vaa – vai

Vaan = vam – indicativo presente de *ir*, vão

Val – forma do presente do indicativo de
valer

Valha – acuda, venha em minha ajuda

Valia = valia – valor, merecimento,
importância

Van – vão

Vẽ = ven, uen – vem, indicativo presente do
verbo *uuir*, vir

Vedes – vê

Veend' = vendo – forma do verbo *ueer* (lat.
Videre), vendo

Veer – ver, vier

Vej' = vejo – indicativo presente do verbo
ueer (lat. *Videre*), vejo

Vejan = vejan – vejam

Vejo = vejo – indicativo presente do verbo
ueer (lat. *Videre*), vejo

- Vejote – vejo-te
 Vel – ou, pelo menos, sequer
 Vel – pelo menos, sequer, ou
 Vela – vê-la
 Velido – belo, formoso, bem talhado
 Velido, velida – belo, formosa, bem talhado
 Ven – vem
 Ventura – destino, felicidade, sorte
 Veo – forma do verbo *vir*; veio
 Verdad' = verdade – verdade
 Veremo' = veremos – futuro de *veer* (lat. *Videre*), veremos
 Verraa = verrá – futuro de *uir*>*vir*, virá
 Vertudes – virtudes
 Vestiir = vestiir – vestir
 Via – caminhada, jornada
 Vigo – importante cidade da galícia
 Vilão = vilão – servo, camponês nascido no feudo do fidalgo, homem ou mulher do povo
 Viv' = vivo – vivo
 Volo – vê-lo
 Volos – vo-los, vós os
 Volos = vo-los – forma átona resultante da contração de *vus* (vos) com o pronome *los* (eles)
 Vontade – afeto, amor
 Vos = vos – vós

Vosc' = vosco – convosco

Voss' = vosso – vosso, por amor de vós

Voo = vou – indicativo presente do verbo *ir*

Vus – vos, pron. Oblíquo

— X —

X' = xe, xi – se

— Y —

Y = i – aí, nisso, lá, então

Ⓞ gosto popular privilegiou as cantigas de escárnio e maldizer como formas do homem simples levar a vida com humor e também de se vingar dos poderosos, através do riso e da sátira.

REFERÊNCIAS

e Bibliografia não referenciada

ALONSO, Damaso. Carjas, cantigas de amigo e vilancetes. *A Phala*, 42, Lisboa, 1995, p. 5.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *As cantigas de Pero Meogo*. Rio de Janeiro, 2ª ed., Tempo Brasileiro, 1981.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. A edição crítica de textos portugueses. In —: *Uma visão brasileira da literatura portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1973, p. 151-174.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *História da literatura portuguesa: a poesia dos trovadores galego-portugueses*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Maceió, Edufal, 1983.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *Iniciação à crítica textual*. Rio de Janeiro, Presença, 1987.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. Nova edição crítica de Martin Codax. In: VVAA. *Miscelânea de estudos literários*; homenagem a Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Palhas / INL. 1984, P. 367-378.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. O poema musical de Codax como narrativa. In —: Uma visão brasileira da literatura portuguesa. Coimbra, Almedina, 1973, p. 19-53.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. Structure et rythme du vers décasyllabe chez D. Joan Garcia de Guilhade, troubadour du XIII siècle. *Romania*, 89 (3), Paris, 1968, p. 289-312.

CANCIONEIRO DA AJUDA (A Diplomatic Edition by Henry H. Carter). New York, Modern Language Association of America; London, Oxford University Press, 1941.

CANCIONEIRO DA AJUDA (Edição crítica por D. Carolina Michaëlhis de Vasconcelhos). Halle A. S., Max Niemeyer, 1904, 2 vol. (Trabalhamos com a 2ª ed.: Reimpressão da edição de Halhe, acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas. Lisboa,

Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1990).

CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL (*Colocci-Brancuti*) Cod. 10991. Reprodução facsimilada, Lisboa, Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

CANCIONEIRO PORTUGUEZ DA VATICANA (Edição crítica por Theophilo Braga). Lisboa, Imprensa Nacional, 1878 (Fotocópia do exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa).

CANCIONEIRO PORTUGUES DA BIBLIOTECA VATICANA (Reprodução facsimilada com estudo de Luís Filipe Lindley Cintra). Lisboa, Centro de Estudos Filológicos / Instituto de Alta Cultura, 1973.

CASTRO, Armando. *As idéias económicas no Portugal medievo*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978 (Biblioteca Breve, Vol. 13).

CASTRO, Ivo. Uma nova edição da Demanda do Santo Graal. In PIEL, Joseph-Maria (Editor crítico): *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s. d.

- CASTRO, Ivo. *Sobre a edição de textos medievais portugueses*. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1973 (Reprodução de tese apresentada ao Congresso Internacional de Filologia Portuguesa).
- CASTRO, Ivo & RAMOS, Maria Ana. Estratégia e tática da transcrição. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 1986, p. 99-122.
- CIDADE, Hernani. *Lições de Literatura Portuguesa*. 5ª ed. rev., Coimbra, 1968. vol. 1
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Cancioneiro português da biblioteca vaticana*; reprodução fac-similada. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos / Instituto de Alta Cultura, 1973.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Crónica geral de Espanha de 1344*; edição crítica do texto por L. F. L. Cintra. 3 vol. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. Observations sur l'orthographe et la langue de quel-

- ques textes non-littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié de XIIIe siècle. In: *Apport des anciens textes romans non-littéraires a la conbasissance du Moyen Age*. Revue de Linguistique Romane, Paris, 27: 59-77.
- CRÓNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344 (Edição crítica por Luís Filipe Lindley Cintra). 3 vol. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- CUNHA, Celso. *Estudos de poética trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL, 1961.
- CUNHA, Celso. *O cancioneiro de Joan Zorro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.
- CUNHA, Celso. *O cancioneiro de Martin Codax*. Rio de Janeiro, s. ed., 1956.
- CUNHA, Celso. Sobre o texto e a interpretação das cantigas de Martin Codax. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 1986, p. 65-83.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. Rio de Janeiro, INL, 1957.

- FREIRE, A. *Índices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente*. s. ed. Lisboa, 1900.
- GENTIL, Pierre le. *Lições de Literatura Portuguesa*. 7. ed. rev., Coimbra, 1971. Contém bibliografia crítica.
- GONÇALVES, Elsa. *Atebudas ata fiinda*. Separata de *O cantar dos trovadores*. [Vigo], publicação da Xunta de Galicia, s.d., p. 167-186.
- GONÇALVES, Elsa. *Filologia literária e terminologia musical: "Martin Codaz esta non acho pontada"*. Separata de *Miscelanea di studi in onore di Aurelio Roncaglia*. Modena, Mucchi, 1989, p. 623-635.
- GONÇALVES, Elsa. Pressupostos históricos e geográficos à crítica textual no âmbito da lírica medieval galego-portuguesa. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portuguais, 1986, p. 41-53.
- GONÇALVES, Elsa. *Sur la lyrique galego-portugaise: phénoménologie de la constitution des chansniers ordenbés par genres*. Separata de *Lyrique romane mé-*

- diévale: la tradition des cansonniers. Actes du Colloque de Liège, 1989. Liège, Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, 1971, p. 447-467.
- HOUAISS, Antonio. *Elementos de Bibliologia*. Rio, Instituto Nac. do Livro, 1967.
- JAKOBSON, Roman. Carta a Haroldo de Campos sobre a textura poética de Martin Codax. In: *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p.119-126.
- LANCIANI, Giulia. Textos portugueses dos séculos XVI a XVIII. Problemas ecdóticos. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, 1986, p. 279-285.
- LAPA, M. Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Edição crítica. Vigo, Galaxia, 1965.
- LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa*. Época Medieval. 9ª ed., Coimbra, Coimbra Editora, 1977.
- LUCAS, Maria Clara Almeida. *Hagiografia medieval*. Lisboa, ICALP, 1984.

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas*. Elementos para uma gramática do Português Arcaico. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Contribuição para a leitura crítica de textos medievais portugueses: sintaxe e grafia. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portuguais, 1986, p. 85-98.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 11ª ed. São Paulo, Cultrix, 1973.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através de textos*. São Paulo, Cultrix, 1968 (25ª ed., revista e aumentada, 1997).
- MOISÉS, Massaud. Idade Média: o universo da poesia. In — *As estéticas literárias em Portugal. Séculos XIV a XVIII*. Lisboa, Caminho, 1997, p. 15-74.
- NUNES, J. J. *Cantigas d'Amigo*. 3 volumes. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926-1928.
- NUNES, J. J. *Cantigas d'Amor*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.

- OLIVEIRA, Corrêa de & MACHADO, Luís Saavedra. *Textos Portugueses Medievais*. Coimbra, Coimbra Editora, 1969.
- PELAYO, Menéndez. *Historia de la poesia castelhana em la Edade Media*. s/d.
- PERGAMINHO VINDEL. Fotocópia das sete cantigas de Martin Codax incluídas no códice. s. d.
- PIMPÃO, A. J. *Cantigas d'El Rei D. Dinis*. Prefácio, seleção, notas e glossário por A. J. da Costa Pimpão. Coleção Clássicos Portugueses. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1942.
- PIZZORUSSO, Valeria Bertolucci. *Le poesie di Mantin Soares*. Bologna, Palmaverde, 1963.
- SARAIVA, Antonio José. *A épica medieval portuguesa*. 2ª edição. Lisboa, ICALP, 1991.
- SENA, Jorge de. *Estudos de História e de Cultura*. 1967. I, sep. de «Ocidente».
- SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1956.
- SOUZA, Risonete Batista de. *Estudo descritivo do vocabulário de Pero da Ponte*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1997 (Dissertação de Mestrado,

- orientada por Nilton Vasco da Gama), Vol. I: Estudo; Vol. II: Corpus.
- SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. Rio de Janeiro, Grifo, São Paulo, EDUSP, 1972.
- SPINA, Segismundo. *Iniciação na cultura literária medieval*. Rio de Janeiro, Grifo, 1973.
- STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *A lição do texto: Filologia e literatura. I: Idade Média*. Lisboa, Edições 70, s. d.. (Coleção Signos, 20)
- TAVANI, Giuseppe. *Considerazioni sulle origine dell' «arte mayor»*. In: *Cultura Neolatina*. Nº 24, 1965.
- TAVANI, Giuseppe. Problèmes de la poésie lyrique galego-portugaise. *Colóquio-Letras*, Lisboa, 1974, 17: 7-18.
- TAVANI, Giuseppe. Filologia e crítica textual na edição das cantigas medievais. In ASENSIO, E. et alii: *Critique textuelle portugaise*. Actes du Colloque de Paris (20-24 oct. 81). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portuguais, 1986, p. 29-39.
- VASCONCELHOS, Carolina Michaëlis de. *Cancioneiro da Ajuda*. Halhe A. S., Max Niemeyer, 1904, 2 vol. (Trabalhamos

com a 2^a ed.: Reimpressão da edição de Halhe, acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas. Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1990).

VASCONCELHOS, Carolina Michaëlhis de. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. *Revista Lusitana*, nº 23, Porto, 1921, p. 1-95.

VIEIRA, Yara Frateschi. *Poesia Medieval: literatura portuguesa*. São Paulo, Global, 1987.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Introduction à la poésie orale*. Paris: Seuil, 1983

_____. *Essai de poétique médiévale*. Paris, Seuil, 1978.

Fonte: Gatineau 12
Formato: 100 x 170 mm
Número de páginas: 90
Salvador, 2019



Cid Seixas é professor titular da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana. Publicou diversos livros e centenas de artigos, tendo orientado teses de doutorado e dissertações de mestrado. Antes de se dedicar ao ensino, trabalhou como jornalista, de onde vem sua declarada preferência pelos textos breves e de alcance pelo leitor comum.

O TROVADORISMO GALAICO-PORTUGUÊS

Parte IV Cantigas Satíricas

O gosto popular privilegiou as cantigas de escárnio e maldizer como forma do homem simples levar a vida com humor — e também de se vingar dos poderosos, através do riso e da sátira.

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL